



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

ANA PAULA DE LIMA

**NAS TRAMAS DO FEMININO: REPRESENTAÇÕES DAS MULHERES NA IDADE
MÉDIA**

**CAMPINA GRANDE - PB
2014**

ANA PAULA DE LIMA

**NAS TRAMAS DO FEMININO: REPRESENTAÇÕES DAS MULHERES NA IDADE
MÉDIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Graduação Licenciatura em História
pela Universidade Estadual da Paraíba, em
cumprimento à exigência para obtenção do grau
de graduado.

Orientador: Ms. Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio

CAMPINA GRANDE – PB
2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

L732t Lima, Ana Paula de.

Nas tramas do feminino [manuscrito] : representações das mulheres na idade média / Ana Paula de Lima. - 2014.

21 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.

"Orientação: Prof. Me. Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio, Departamento de História".

1. Idade Média. 2 Mulheres. 3. Mulheres medievais. I.
Título.

21. ed. CDD 909.07

ANA PAULA DE LIMA

**NAS TRAUMAS DO FEMININO: REPRESENTAÇÕES DAS MULHERES DA IDADE
MÉDIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Graduação Licenciatura em História pela
Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento
à exigência para obtenção da aprovação do título de
graduação.

Data de avaliação: 30/07/2014

Nota: _____

BANCA EXAMINADORA

Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio

Orientador: Prof. Ms.. Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio

(UEPB)

Patrícia Cristina de Aragão Araújo

Examinador (a): Profa. Dra Patrícia Cristina de Aragão Araújo

(UEPB)

Matusalém Alves Oliveira

Examinador (a): Prof. Ms. Matusalém Alves Oliveira

(UEPB)

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	5
2 REFERENCIAL METODOLÓGICO	7
3 AS MULHRES NA IDADE MÉDIA: EVA, MARIA, HELOISA.....	7
3.1 “ABELARDO E HELOISA”: O ESPAÇO RESTRITO E PRIVADO	7
3.2 EVA E MARIA: UMA VISÃO DICOTÔMICA	11
3.3 CULTURA E EDUCAÇÃO DA MULHER NO PERÍODO MEDIEVAL	15
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	19
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	20

NAS TRAMAS DO FEMININO: REPRESENTAÇÕES DAS MULHERES NA IDADE MÉDIA

Ana Paula De Lima¹

Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio²

RESUMO

Este artigo teve como principal objetivo estudar os diversos papéis das mulheres nos fatores políticos, sociais, econômicos e religiosos da época medieval. Metodologicamente, o trabalho fez parte de um estudo exploratório, com abordagem qualitativa a partir da técnica da revisão bibliográfica. O artigo foi dividido em três tópicos: o primeiro retrata o caso de “Abelardo e Heloísa”, o segundo tópico diz respeito a dicotomia entre a maldição de Eva que e a pureza de Maria mãe do Salvador, e o terceiro e último tópico referenciou-se ao seu papel social da mulher no âmbito muito amplo. Diante do exposto se conclui que as mulheres conquistaram vários espaços, na Idade Medieval em alguns destes chegaram a se tornar protagonistas, como foi o caso da mulher escritora, papel este muitas vezes assumido apenas pelos homens.

PALAVRAS-CHAVE: Idade Média. Social. Representação. Mulher.

ABSTRACT

This article aimed to study the diverse roles of women in political, social, economic and religious factors of medieval times. Methodologically, the work was part of an exploratory study with a qualitative approach based on the technique of the literature review. The article is divided into three topics: the first depicts the case of "Abelard and Heloise", the second topic concerns the dichotomy between the curse of Eve and that the purity of Mary Mother of the Savior, and the third and last topic-referenced if its social role of women in very broad scope. Given the above it is concluded that women won multiple spaces, the medieval age in some of these came to become protagonists, as was the case of the woman writer, paper this termite times taken only by men.

¹ Aluna graduanda do Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba.

² Professor do Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba (Orientador).

1 INTRODUÇÃO

A finalidade deste artigo é compreender os diversos papéis das mulheres na Idade Média, nos fatores políticos, sociais, econômicos e religiosos da época medieval. A motivação que nos levou a fazer esta pesquisa foi com a proposição de entender e estudar um pouco mais o desfecho da mulher na Idade Medieval suas conquistas e destaques proveniente de “uma conquista” quase impossível que era dada a elas naquele período.

Sendo escrito através de vários textos e revistas pelo qual utilizei conceitos e concepções de vários autores como Pedro e Guedes (2010) em seu texto “As conquistas dos movimentos feministas como expressão do protagonismo social das mulheres”, Muraro (1997) em “Mulher no Terceiro Milênio”, Carvalho (2012) “A mulher na Idade Média: a construção de um modelo de submissão”, Silva (2011) com o texto intitulado “Quem chegar por último é a mulher do padre”, Souza (2006) no texto que trata sobre “A Mulher na Idade Média: a metamorfose de um status”, Tosi (1998) no que aborda “Mulher e ciência: a revolução científica, a caça as bruxas e a ciência moderna”, Nascimento (2013) no que arguiu sobre “Ser mulher na Idade Média”, Troch (2009) no texto que argumenta sobre “Mística feminina na Idade Média: historiografia feminista e descolonização das paisagens medievais”, entre outros pesquisadores, que contribuíram para a discursão dos papéis exercidos pelas mulheres naquela época.

O artigo foi dividido em três tópicos nos quais todos eles têm como referencial a mulher como centro principal.

O primeiro tópico retrata o caso de “Abelardo e Heloísa”, pelo qual um filósofo e professor logo no início das universidades não poderiam se relacionar com mulheres e principalmente com assuntos domésticos; o segundo tópico refere-se à dicotomia entre a maldição de Eva que representava a parte vulnerável, sendo culpada pelo pecado original e a mulher vista com a pureza de Maria mãe do Salvador, no terceiro e último tópico diz respeito ao seu papel social, como elas o representavam e quais as suas conquistas neste termo.

A história cultural tem como objetivo a multidisciplinaridade sendo discutida tanto por filósofos quanto por historiadores e geógrafos, sendo uma colaboração, dedicando-se as diferenças, debates e conflitos de tradições compartilhadas por culturas inteiras (BURKE, 2008).

Nascendo decorrente de um conflito de guerra cultural, ela foi fragmentada didaticamente em três períodos, estes correspondem à história clássica, história social da arte e a nova história cultural. É justamente esta última, dominante no campo da produção

historiográfica, que temos como a discursão de gênero vem se apresentando de maneira mais evidente.

Desta forma, a história cultural também esta inserida no estudo das mulheres na história como pode se visto na discussão de Burke (2008, p.178):

Segue-se, assim, o embate sobre o multiculturalismo, termo que pressupõe diversas culturas em um mesmo espaço, incentivadas a conservar suas identidades. Debate longe de se definir a exemplo das mulheres negras obrigadas a usar tranças e as louras proibidas de fazê-lo.

Em sua arguição Burke (2008) mostra que as mulheres deveriam ser identificadas de acordo com os aspectos definidos culturalmente, posto que, as negras deveriam usar as tranças porque eram negras e com igual entendimento as louras não deveriam fazer tais tranças porque isto fazia parte das negras e não de todas as mulheres, independentemente de suas cores de pele.

Neste contexto, vê-se que este trabalho esta inserido na condição de gêneros por discutir os aspectos da mulher medieval, sua cultura e religião, fundamentalmente os seus papéis naquela sociedade, pois desde os seus primórdios até os dias de hoje a mulher ainda se encontra em uma posição de inferioridade sofrendo rotineiramente às opressões e violências, que muitas vezes se configuram como normais, passando-se despercebidas. Isso é mostrado claramente na sociedade, tanto na esfera pública como na esfera privada.

Embora esteja à mulher buscando seu espaço na sociedade, vale ressaltar que na história o poder além de ter cor, tem gênero e raça, isso significa dizer que o papel que os homens exercem “travam” as mulheres como sujeitos políticos e sociais que são.

Ainda pode-se notificar que, quando se trata da questão de gênero e da representação social que a mulher ocupa na vida em sociedade, apesar de todas as mudanças ocorridas nesse âmbito, pode-se perceber que em certos aspectos é como se a mulher estivesse vivendo o período medieval, no qual deveria cumprir as descrições que referendavam seus papéis enquanto ser socialmente inferior aos homens.

2 REFERENCIAL METODOLÓGICO

Este trabalho fez parte de um estudo exploratório, com abordagem qualitativa a partir da técnica da revisão bibliográfica em pesquisa científica. Os artigos inerentes à revisão bibliográfica foram selecionados levando-se em consideração a temáticas e para tanto se utilizou de publicações feitas em livros e revistas acadêmicas publicadas no Brasil, os quais se encontram em revistas, anais de congressos, periódicos indexados e cadernos Pagú. A pesquisa compreendeu um período de quase dois anos, a saber, setembro de 2012 a maio de 2014.

3 AS MULHRES NA IDADE MÉDIA: EVA, MARIA, HELOISA

3.1 “ABELARDO E HELOISA”: O ESPAÇO RESTRITO E PRIVADO

A Idade Média tem sua nomeação no século XVIII, quando os historiadores acreditavam que este seria um tempo intermediário entre a Idade Antiga e a Idade Moderna. Ao longo dos séculos, o período medieval foi sendo “visto” por terminações que deixaram esse tempo conhecido como os “Anos Escuros” ou “Idade das Trevas”. Essa perspectiva negativista esteve assentada no discurso de vários intelectuais do Renascimento, que viam o mundo feudal como um grande sinônimo do atraso, do primitivismo, do abandono do pensamento racional e das ciências.

De conformidade com Souza (2004, p. 159) ele confirma que a Idade Média pode ser designada como:

A época em que a humanidade fora impelida pela força espiritual da Igreja Católica, procurou viver de maneira apaixonada os valores transcendentais do cristianismo; isto ficou evidenciado na reflexão filosófica (foi quando a metafísica alcançou o seu esplendor), na “fuga do mundo” através do monasticismo, na arte gótica, na literatura, assim como na busca da santidade através de uma vida consagrada a Deus. Por outro lado, foi um período de intolerância, no qual a inquisição procurou controlar o pensamento e a cultura, negando aos indivíduos a liberdade de pensar diferentemente.

Em se tratando ainda do contexto do período medieval verifica-se que se podem fazer leituras a respeito dos papéis ocupados pelos sujeitos sociais na vida em sociedade, ou seja, dos homens e das mulheres, no tocante, por exemplo, ao gênero, a cultura, a política, entre outros aspectos. Neste estudo a arguição tem como primazia deslançar a respeito da situação das mulheres nos diversos papéis sociais ocupados por elas enquanto gênero feminino.

No que se diz respeito à situação das mulheres na Idade Média, existiam uma grande desvalorização delas, tanto no âmbito doméstico, quanto ao lado da sexualidade em que elas eram totalmente submissas aos homens, cabendo apenas um espaço restrito e privado.

De conformidade com Pedro e Guedes (2010) eles enfocaram uma colocação feita por Platão, em seu livro “A República” e que fora notificada por Aristóteles, discípulo de Platão, na qual descreveu que as relações sociais entre os sujeitos eram: “O senhor e o escravo, o marido e a mulher, os pais e os filhos” (ARISTÓTELES, 1991, p. 11). Continuando com a discussão no tocante a descrição dessas partes afirmou Platão que: “Em todas as espécies, o macho é evidentemente superior à fêmea, a espécie humana não é exceção”, citação também feita por Aristóteles, (1991, p. 13).

Pedro e Guedes (2010, p. 12) apud Arented (1989, p. 40), também se posicionaram com relação ao gênero entre as partes e disseram: “O que distinguia a esfera familiar, era que nela os homens viviam juntos por serem compelidos por suas necessidades e carências (...)”.

Ainda nesse processo discursivo as autoras supracitadas falam a respeito da desvalorização da mulher ao citar o exemplo vivenciado por Abelardo e Heloísa no tocante a esfera privada. Essa desvalorização é expressa quando se focaliza esses personagens frisando quem era Abelardo, destacando o gênero e o tipo de conhecimento que o mesmo tinha, demonstrando que havia nesse sujeito social superioridade e poder, pois ele era homem e filósofo, o que não acontecia com ela, que, além de ser mulher, era doméstica, ou seja, vivia para o lar.

Tratar desses personagens era destacar a discussão sobre os papéis que os sujeitos sociais viviam na sociedade focalizando quem era quem nesse espaço social. Quando se fala em Abelardo e Heloísa tem-se o desfecho sobre cartas que essa mulher havia escrito para ele. Porque falar de tais cartas? Era que em uma das cartas que ela havia enviado a Abelardo tratava de assuntos domésticos, ou melhor, de contextos que descrevia relações cotidianas da vida familiar. Esse aspecto levava Heloísa a se culpabilizar por ter despertado nele um sentimento amoroso, época em que a ênfase dada ao homem não era o da construção da família, mas o que ele poderia oferecer no processo de construção do saber formal, visto que

estava nascendo às universidades e elas eram o foco principal no tocante ao saber que oferecia ao ser um senso crítico sobre as relações que o envolvia no contexto social.

Era muito clara a desvalorização da mulher medieval, e da sua esfera privada, fato vivenciado por Abelardo e Heloísa, em que em uma de suas cartas a Abelardo, como fora dito anteriormente, Heloísa culpa-se por ter feito despertar nele que era seu mestre particular e também filósofo um vínculo em seus assuntos domésticos, sendo assim, em seu entender e da sociedade, uma mulher não poderia ser esposa de um homem que se dedicava a filosofia, pois naquela época estava acontecendo o nascimento das universidades e ele tinha relevância fundamental na consolidação do saber, ao contrário da mulher, no caso de Heloísa que só lhe cabia as incumbências domésticas, que para a sociedade era fato irrelevante.

Além do que já fora discutido vale ressaltar que no princípio da Idade Média as mulheres tinham um papel bem mais participante do que no término desse período, mesmo assim, eram consideradas menos isoladas do que na sociedade romana e grega, onde elas tinham ainda menos liberdade.

Nessa época, segundo Muraro (1997), as mulheres tinham que passar da guarda dos pais diretamente para a guarda dos maridos, virgens, pois tanto a transgressão do adultério, quanto a da virgindade eram punidas com a morte. Sendo assim, as mulheres virgens eram altamente valorizadas, elas não podiam ser impuras.

Outro aspecto a ser enfatizado nessa arguição é a questão do infanticídio de meninas o qual gerava mais um problema a ser enfrentado pela mulher nessa época. Sabe-se que, com o infanticídio de meninas que se tornara bastante comum no período medieval, as mulheres eram vistas como mercadorias, cara e escassa, mas mesmo assim sua escassez não a tornou poderosa mesmo tendo o valor de preço bastante elevado como mercadoria, pois esse termo “escassez” também estava ligado à violência sofrida por elas nos primórdios da Idade Média.

Ainda, no início do período medieval começou a surgir a dicotomia entre o público e o privado. As mulheres, em geral, cuidavam de hortas, dos animais e também faziam o serviço de tecelagem, algumas delas assumiram o papel do homem, já que muitos se tornaram padres. Em se tratando dos homens, em geral, eles cuidavam da agricultura, sendo assim a mulher exercia um papel econômico expandindo-se com a presença ou a ausência deles (MURARO, 1997).

Afirma Muraro que, embora se tenha tratamento diferenciado para as mulheres, vale frisar que, entre os séculos X e XII era extremamente comum usar o nome da família da mulher, e não da família do marido. A mulher era vista como reserva de força de trabalho, manipulada de acordo com as necessidades e desejos dos homens, e as mulheres que faziam

parte da família real também eram vistas como peças importantes de um jogo de xadrez, no âmbito político e econômico da época.

Este termo “mulher como força de reserva de trabalho” contribuiu para que as mulheres tivessem acesso à cultura, pois estando seus maridos, sempre em cruzadas e guerras elas passaram há ter mais tempo, e, sendo assim, passariam a ter mais educação do que seus companheiros.

Outro importante papel em que a mulher teve bastante influência foi na Igreja institucional, por lhe conferir um domínio superior ao dos homens. Sabe-se que, no princípio o cristianismo foi uma das religiões que revolucionou contra o patriarcado, seguindo modelos de outras religiões como o budismo e o judaísmo que lutavam contra a injustiça e impunha limites ao poder. Com esse modelo, inicialmente, o cristianismo tornou-se matricêntrico, fazendo valer a estrutura sobre o amor de mãe, mas foi por pouco tempo, logo depois se tornou patriarcal, no sentido em que fazia prevalecer à estrutura sobre o amor, submetendo o oprimido a valores postergados para depois desta vida (MURARO, 1997).

O poder do papado que dizia lutar por propósitos ideais para todos, pregava certa dicotomia, entre as mulheres medievais, de um lado trabalhava a questão do prazer e da sexualidade das mulheres, dizendo que elas seriam culpadas de afastarem o homem de Deus, elas eram causadoras do pior dos pecados, pois esse pecado era bem pior do que o pecado do poder e da riqueza. Por outro lado, tratou da concepção da mulher pura espelhando-se em Maria mãe do Salvador, dando um novo olhar para o papel da mulher tanto no contexto material como no espiritual (MURARO, 1997).

Além do que fora argumentado, ainda vale frisar a questão do celibato entre as mulheres. Diz Muraro, no mesmo texto, que as celibatárias, livravam-se da culpa de separar o homem de Deus e também da sobrecarga doméstica, da reprodução e do domínio masculino, pois elas construíram suas próprias estruturas e tornaram-se ricas, permanecendo até o século IX quando Carlos Magno formou o seu santo império considerado, em boa parte da Europa, o senhor absoluto.

Com a centralização do poder de Carlos Magno o “status” das mulheres na Igreja foi afetado, sendo elas excluídas de certos papéis. Entretanto, o Império Carolíngio caiu e os mosteiros continuaram de pé. Apesar das mudanças as mulheres continuaram sendo educadas, o que não acontecia com os homens, e, por essa razão, elas foram recuperando a sua influência e poder, e como dizia Muraro (1997, p. 104), “Algumas delas não só controlavam vastos domínios como também reuniam exércitos para ajudar os seus soberanos. Podiam também servir como representantes dos reis e do Papa”.

Além do destaque que as mulheres tiveram na Igreja, pode-se verificar que elas também tiveram um importante papel na cultura, a ponto de se notificar uma monja do século X, chamada Hroswitha de Gandersheim, que foi considerada durante meio milênio como a única mulher escritora da Europa (MURARO, 1997).

Pode-se perceber que apesar das restrições apresentadas no quadro referente a Abelardo e Heloisa e as diversas arguições feitas a partir deles, vale ressaltar que outras figuras importantes nessa discussão são as personagens Eva e Maria.

3.2 EVA E MARIA: UMA VISÃO DICOTÔMICA

Na Idade Média, todos os conceitos eram elaborados pelos eclesiásticos, sendo assim eles possuíam sobre a mulher uma visão dicotômica, ou seja, duas versões, a mulher como criatura débil e sucessiva ao poder do diabo, e também motivo de prazer entre os homens, e do outro lado à figura de Maria mãe do Salvador (CARVALHO; SILVA, 2012).

Estando presente no cristianismo desde sua consolidação, esta dicotomia fez com que o conceito permitisse que elas estivessem sempre sobre tutela masculina, pois ao entender suas verdades e juízos morais, a Igreja várias vezes fazia a utilização de pregações da “exempla”, que eram histórias curtas de vida de um santo ou santa e também de prostitutas arrependidas, todas essas histórias sobre as mulheres em específico no século XII, eram pregadas no meio das ruas das cidades, sendo feitas essas pregações pelos franciscanos.

Mas anteriormente, a estes séculos pode-se observar que a Igreja esta afetada pela imagem negativa que a tradição Judaica criou a respeito da primeira mulher EVA, segundo o pensamento do filósofo FILO, responsável pela explicação da inferioridade feminina dentro da sociedade judaica, “Eva e um ser pecador incapaz de resistir a tentação, e por isso era necessário submetê-la a tutela masculina”.

Segundo Nascimento (1997), Eva representa a parte vulnerável delas, sendo responsável pela perda do paraíso, símbolo de um perigo carnal e espiritual a ser evitado.

Porém a maior parte destes relatos e discursos foram retratos fieis do pensamento medieval no que se diz respeito à mulher, mas, a maioria destes relatos foi escritos por homens celibatários, mas não devemos levar em conta todo este conceito histórico e perceber o quanto são pertinentes às ideias.

Na visão religiosa, a mulher medieval era vista como pecadora e muito próxima dos prazeres carnis, pois seria descendente de EVA, culpada pela decadência humana então logo seria considerada “FILHA PECADORA DE EVA”, colocação feita por Duby.

Esta expressão contida em (TERTULIANO, apud, DALURUM, 1990, p.35 citada por LEAL, 2012, P.4) diz. “Não sabes mulher, que és Eva, tu também? (...). Tu és a porta do diabo, tu consentiste na sua arvore, foste a primeira a desertar a lei divina”.

Segundo Carvalho e Silva, (2012) era contada nas “exemplas”, Eva era a causadora de tudo, concentrava-se em si todos os vícios femininos tidos como símbolos, estes seriam: A sensualidade, a luxúria, a gula e a sexualidade, e Maria Madalena seria a prostituta arrependida e se submeteu tanto a Igreja quanto aos homens.

Conforme as alterações deste artigo, a função da Igreja era a de castrar a sexualidade feminina, dando contraponto às ideias do homem como superior, cabendo a ele o exercício da autoridade devendo elas serem vigiadas sempre de perto e por toda vida, por conta de carregarem o peso da acusação do pecado original, tal pensamento crença e medo, vem acompanhando evolução do pensamento feminino desde a antiguidade (SILVA, et al., 2005). A sexualidade na sociedade medieval era tida como um tabu, constituída por imaginário que exaltava a abstinência e a castidade, pois a sexualidade feminina era vista como uma aberração maligna estando associada à feitiçaria.

O modelo de sexo que era reconhecido até século XII era apenas o masculino. Sendo a mulher vista como o homem invertido inferior, um sujeito conhecido como menos desenvolvido na escala da perfeição da essência do conhecimento (SILVA, et al., 2005). Continuando com a discussão dos autores supracitados, pode-se arguir que na Idade Média os casamentos não eram concretizados pelo amor, mas sim por um contrato feito entre o pai da noiva e a família de seu pretendente sem o consentimento da mulher.

Segundo Leal (2012, p.9 apud SODRÉ, 2004, p.5), as mulheres além de serem subordinadas aos seus maridos e possuírem o dever de ter, “o controle da sexualidade dos filhos”, não eram submissas apenas aos seus maridos, mas também a suas famílias, sendo assim um dos deveres que a elas eram imposto eram honrar os sogros.

Já, Macedo (2002, p. 40-42) “as mulheres que compunham a nobreza, não se preocupariam enquanto a ser mãe, pois poderiam ter quantos filhos quisessem, sendo estes cuidados por amas”. Cada filha tinha uma ama, no qual davam de comer e de beber, e cuidavam deles como filhos. Tinham a função de controlar as despesas, a produção de vestimentas da casa e a criadagem. As senhoras da elite, também exerciam o controle da casa, quando seus maridos viajavam passando a fazer atividades de seus esposos como construções. Pagar as contas, e outros assuntos pendentes que eram da custódia masculina.

Duby e Perrot (1990, p.356), escreveu que pouco se falava na mãe da classe baixa, mas o que se sabe e que muitas vezes elas necessitavam de trabalhar e este trabalho, no

entanto, as colocavam numa posição subalternas em sua vida privada, deixavam seus filhos com parentes e na hora de alimentar e cuidar de sua higiene, a mãe assumiria esta responsabilidade, e com isso as faziam ter uma quantidade menor de filhos.

Para essas mulheres, camponesas e artesãs, os filhos representavam certa segurança na velhice e também na viuvez, pois lhes dariam apoio.

Conhecido como um período de intensa misoginia, a Idade Média, foi marcada pelo excesso de limitações do sexo feminino (LEAL, 2012).

Segundo Duby (1989, p.6), essa Idade Média é absolutamente masculina, pois diz ele, que todos os relatos que chegaram até ele vêm dos homens, convencidos da superioridade do seu sexo. “Duby comprova que este período da história esta saturado pelo universo masculino”.

A concepção da mulher foi construída muito antes do cristianismo, e foi assegurada por ele durante séculos tudo isso foi permitido, por conta da permanência dos homens que sempre estavam no poder.

Sendo responsabilidade do homem, a mulher quando cometia um delito não era punida pelo código, ou seja, pelo direito romano, mas sim por um parente mais próximo ou pelo seu marido (LOBATO, et al., 2009).

Ainda de conformidade com Lobato, et al., (2009) citado por Santiago (2007, apud (VICENTINO, 1997), eles argumentaram que as mulheres eram educadas pela antiguidade para ser esposa e mãe e atribuindo um papel a ser cumprido, dedicava-se ao lar a ser submissa ao marido e a criar os filhos. Eles também afirmaram que, de acordo com o direito penal romano, não ocorria punição do delito pela mulher, sendo esta responsabilidade do homem.

Mas foi a partir da Idade Média que a mulher passou a se responsabilizar um pouco pelos seus hábitos, e chegando a ter certa punição sendo condenada pelo tribunal da Inquisição, quando passava por cima das normas da Igreja pela qual a sociedade lutava.

Se assemelhando aos antigos gregos e romanos, a Idade Média também foi um período dominado pelos homens, mas algumas mulheres conseguiram certo destaque nesta época e exerceram papéis importantes, inclusive funções fora do lar se tornando rainhas, abadessas e dirigentes empresarias e até status de santas canonizadas, um mérito obtido bastante difícil naquela época (SOUSA, 2004).

Havendo uma metamorfose na concepção da mulher na Idade Média, vale ressaltar que Jesus Cristo, anteriormente a esse período, apesar de ser contrário ao judaísmo valorizava as mulheres, manifestando uma visão diferente sobre elas, o que não era visto por muitos dos seus seguidores.

São Paulo, na primeira Carta aos Coríntios, 14, 34-35, diz “as mulheres devem calar na assembleia, pois não lhes é permitido falar...” na primeira Carta a Timóteo 2,11-14, ele repete e amplia seu pensamento discriminador. “A mulher deve aprender em silêncio a ser submissa”. Não admitindo que a mulher dê lições ou ordens aos homens, esteja calada, pois Adão foi criado primeiro e Eva depois. Adão não foi seduzido, a mulher foi seduzida e cometeu a transgressão (BÍBLIA... 2002, p. 1761).

Toda essa discussão recebe nova configuração elevando a mulher como pessoa humana, quando fora feita uma leitura a respeito do matrimônio, isto teologicamente falando, a qual serviu para unir o homem e a mulher, e simbolizava a união que era indestrutível entre Cristo e a Igreja. No entanto, na prática, isto não foi suficiente para mudar juridicamente a posição da mulher que se casara, condenando-a a ser subordinada ao marido e este casamento obedecia aos interesses sociais e econômicos, sendo tuteladas pelos maridos, a legislação dizia que ela era incapaz de ter algum poder juridicamente.

Além da proposição apresentada anteriormente, vale ressaltar que havia outros interesses quando da realização do casamento, a exemplo da recorrência da regra da exogamia das famílias, que tinham como objetivo aumentar suas riquezas, por isso sugeria a proibição do incesto, obrigando a formação de alianças, a qual se dava não somente pela troca de bens, mas também de mulheres.

Ainda pode-se argumentar que a fecundidade era indispensável ao casamento, a ponto de se ter a seguinte leitura a respeito da mulher que era estéril: ela era repudiada e seu marido poderia adular ou até mesmo abandoná-la, e muitas vezes até levada a morte.

Já no século XVIII, o amor romântico, ou seja, o romantismo se torna o referencial do casamento. Como o amor e paixão, em geral, não dura, o amor conjugal ligado a ele também não.

Neste século, a procriação deixou de ser o propósito principal do casamento, passando a ter como objetivos principais, o fator econômico e psicológico do casal. Sendo assim, o pensamento ideológico do amor romântico, passa a ser a principal justificativa da ausência dos filhos, então o casamento ganha nova construção e passa a ser realizado a partir da escolha e decisão dos conjugues, tornando-se a relação conjugal a ser a mais importante neste período.

Embora a mulher fosse descrita de forma dicotômica e tivesse sujeitada a submissão do gênero masculino pode-se verificar nesse período histórico que a mulher se fez presente tanto na cultura como na educação, por ter usufruído de oportunidades que não foram

vivenciadas a contento pelos homens, isto mediante as diversas situações enfrentadas por elas na vida em sociedade.

3.3 CULTURA E EDUCAÇÃO DA MULHER NO PERÍODO MEDIEVAL

Quanto à educação da mulher medieval, era bastante restrita, pois ao surgir as universidades nos séculos XII e XIII, em que era devidamente proibida o acesso das mulheres a frequentá-las, as mulheres nobres que quisessem ter certo nível de cultura deveriam contratar mestres particulares e assim serem educadas, mas uma vez podendo-se citar a história de Abelardo e Heloisa.

Então se consegue encontrar na Idade Média, mulheres admiravelmente cultas como se pode citar: Cristina de Pisa (1364-1430), conhecida, com destaque, como uma grande poetisa francesa (LOYN, 1997 p. 21, 108).

Outra mulher que teve seu papel em destaque foi Hildegardia (1098-1179), conhecida por ser uma mulher erudita e inteligente deixou escritas variadas, inclusive um tratado *Causae et Curae* (Causa e Cura), que nos dá um retrato bem rico sobre a medicina medieval (MACEDO, 2002, p. 87).

Exercendo o trabalho fora de casa, a mulher medieval exerceu um papel bastante importante, em vários tipos de atividade ajudando seus maridos a sustentar suas famílias principalmente na agricultura, que era tida como a base econômica daquela época, e sendo a presença da mulher uma constante ao lado do marido.

Em se tratando desse contexto, segundo Le Goff (2002, p. 566):

A mulher não sabe cumprir sua parte no trabalho medieval. No campo testemunham as pinturas e esculturas dos trabalhos dos meses do ano, a camponesa não exerce as atividades de produção reservadas ao homem (sementeiras, lavra, cortes de árvores, mas é sua auxiliar nos trabalhos de ceifa e colheita e vindima, e seu principal papel reside na transformação das matérias primas oriundas da criação de animais, fiação e tecelagem).

Como se viu, posteriormente, a mulher estava presente em todos os campos dos tempos medievais como assinalou “Evelyne Sullerot, socióloga estudiosa da inserção da mulher no mercado de trabalho, que quase todas as profissões foram acessíveis às mulheres no século X, XI, XII e XIV.” Ainda argumentou que depois foi que nasceram novas dificuldades para a mulher no tocante as suas inserções no mercado de trabalho (SULLEROT, 1970, p. 54).

George Duby, historiador em sua obra chamada de a história contínua, descreve por meio dela e fala que a mulher não tinha voz no medievo e que suas lamurias e suas vivencias, foram transmitidas através de homens leigos e religiosos. Mas, Danielle Regnier Bohler, apresenta outra face da historia, citando dois exemplos de mulheres cuja as vozes desejavam ecoar: Maria da Franca, escritora de Tristão e Isolda, que contava uma historia real de amor impossível e Cristina Pisono que se destacou por ser uma mulher letrada e mais largamente no da espiritualidade feminina” (REGNIER-BOHLER, 1990, p.519).

Nascimento (1997) limitou se em falar em seu texto, apenas dos Séc. XII e XIII, e basicamente aos reinos de Castela e Leão na Espanha. Nestes dois séculos, a sociedade feudal, estava em alta, e esta sociedade era sem duvida patriarcal sendo assim a mulher medieval estava obrigada a circular exclusivamente na esfera privada, e mesmo assim dentro dos limites permitidos, ou seja, na casa dos pais, marido e nos conventos. Certamente, esta ideia foi reforçada pela grande influência que as teorias misóginas alcançaram na Idade Média.

Naquela época Nascimento (1997) retrata em seu texto, que estes mosteiros de Leão e Castela, foram fundados entre os séculos XII e XIII, por mulheres da nobreza leonina. Ao longo deste trabalho, Nascimento pode constatar que havia um projeto feminino de construção de um lugar de acolhida, no qual elas poderiam exercer um papel protagonista, dentro desta sociedade feudal, mas com uma condição a de ser nobre.

Administrado pelas abadessas, os mosteiros apresentavam uma estrutura baseada numa cadeia de vínculos pessoais, elas tinham total autonomia e seu papel de senhor feudal era reconhecido por todo o conjunto da sociedade e seus dotes exerciam um papel fundamental garantindo a elitização dos mosteiros sendo assim não encontravam nenhum obstáculo dentro dos muros dos conventos estas mulheres administravam seus patrimônios pessoais como quisessem.

Para as mulheres monjas do Séc. XII e XIII, a prática de enclausurar-se, não as temia e jamais foram respeitadas por elas, fazendo ouvidos surdos, as interdições e as ameaças. Saíam todas as horas dos conventos tanto para resolverem problemas de suas terras quanto para visitar parentes e também cuidar de problemas de saúde, sendo assim a clausura, também não era respeitado dentro dos conventos, pois tinham contato com clérigos, cabelões, criados e hospedes. Sendo assim estas atitudes e liberdades que as monjas tinham dentro dos conventos, provocavam uma grande como confusão no seio da Igreja, que não queria conviver com escândalos de filhos bastardos de encontros amorosos. Para os teólogos e também os teóricos, o objetivo da clausura era defender a virgindade e a castidade feminina.

Quanto à mulher camponesa estas não deveriam desfrutar das mesmas regalias que as abadessas, pois era o status sócio econômico que marca a diferença e não o sexo, existindo um grande abismo entre o homem camponês e o homem nobre, sendo assim definitivamente a sociedade feudal a mulher nobre, tinha mais poder que um homem camponês.

Troch (2009) descreve em seu texto a questão da posição das mulheres dentro da historiografia clássica, a qual vai desde os anos 330 até cerca de 1500 na Europa Ocidental, mostrando que em relação ao período citado houve uma publicação ampla especialmente por mulheres cientistas, a partir de uma perspectiva feminista enfatizando que a influência delas na vida política, social, econômica e religiosa foi bastante presente.

De conformidade com Troch (2009, p.2 apud Lerner (1993 p.46-64) diz que desde o século XI, mulheres se distinguiram pela alta definição, auto representação e auto autorização, incluído a esfera religiosa, e se definiram enquanto parceiros em posição equivalentes a dos líderes poderosos do sexo masculino no campo político e religioso.

Segundo Troch (2009, p.3) apud Bynum (1987), as mulheres da nobreza tiveram uma ascensão no campo político, muitas delas possuíram um papel importante tanto na cultura, quanto na economia na educação e na religião.

Preenchendo os papéis, que tradicionalmente foram dados aos homens na história, as mulheres no século XI até o século XV, “foram pregadoras e professoras papel que, mas adiante seriam assumidos pelo clero, estando à frente das lideranças de grandes mosteiros de poder político e religioso” (TROCH, 2009, apud LERNER, 1993, p. 99).

Troch (2009, apud Pernoud, 1986) disse que a maioria dos homens eram analfabetos, sendo a leitura e a escrita, quase e exclusivamente realizadas por mulheres na Idade Média, elas ensinavam tanto as meninas quanto aos meninos nos mosteiros. Elas também detinham uma grande potência econômica possuíam fabricas, moinhos empresas têxteis, cervejarias, sendo relacionadas com o seu poder religioso, só por volta do século XVI, que elas vão perdendo este poder.

Ainda na discussão de Troch (2009) há afirmação que nos últimos anos, várias pesquisas foram publicadas na área das mulheres místicas medievais, e constatou que elas tiveram um papel muito importante em todos os setores, como na vida eclesiástica religiosa econômica e também política. Elas se relacionavam com pessoas importantes, como papas, teólogos, bispos e também com os líderes políticos poderosos fazendo com que houvesse vários escritos e biografias da vida destas mulheres.

Tosi (1998), em seu texto relata que no século XV, aconteceu na Europa dois surtos de perseguição a bruxaria, ocorrendo o primeiro entre 1450 e 1520, e o segundo por volta de

1560, este último retomou o fôlego entre 1600 e 1650, onde conseguiram grandes proporções de seguidores denominando-se a grande caça às bruxas.

Ela relaciona este período com a revolução científica, com a consolidação do estado moderno e com a reforma e contra reforma, pois segundo Tosi, elas tinham uma verdadeira obsessão pelas forças demoníacas e pela bruxaria, tomaram posse da imaginação de boa parte dos homens nesta época.

Tosi (1998) diz, que as características, mas marcantes no processo de bruxaria e o da criminalização das mulheres, pois elas representavam a porcentagem maior no processo de bruxaria.

Até o séc. XV, as mulheres eram engajadas em diversas tarefas e ofícios, e tanto as autoridades civis quanto a religiosa as aceitavam, e as toleravam muito bem, e foi a partir do séc. XVI que os estereótipos de bruxa foram construídos por teólogos e magistrados cita Tosi.

Para, Horsley diz que a bruxaria era considerada uma prática demoníaca e a mulher, era a principal agente do demônio, e muitas destas mulheres condenadas eram mulheres velhas e pobres que moravam na zona rural.

Segundo Thomas, nos séc. XVI e XVII existiam nas comunidades rurais da Inglaterra e da Europa continental, a chamada magia benéfica, em que as praticavam poderia ser chamada por vários nomes como, mulher ou homem sábio, bruxas ou bruxos e curandeiras, podendo assim praticar adivinhações de objetos encontrados, na medicina popular, e se a praticante fosse mulher ajudaria até na obstetrícia.

Com a mudança drástica que aconteceu a partir do séc. XV, a mulher ficou conhecida como demoníacas principalmente as que eram conhecidas como, mulher sábia, pois o conhecimento que elas tinham e praticavam desde a época de seus antepassados eram tidos como suspeitos.

Segundo Tosi (1998) apud Lerner (1984) ela afirma que, dada a sua fraqueza física e moral e sua limitada inteligência, sua carência de raciocínio e sua sexualidade incontrolável e lubricidade, a mulher era a vítima privilegiada de satã.

Continuando com a discussão feita por Tosi (1998), ela argumenta uma das colocações descrita por Caro Baroja (1993) que argumenta em seus relatos e afirma que a mulher recebeu a imagem da bruxa, elaborada com amplos detalhes durante, mas de um século, sendo esta a concepção dos padres, protestantes, inquisidores católicos e da elite burocrática criados pelos estados emergentes.

Com relação aquele tempo, (SILVA, 2011) retrata em seu texto, intitulado “Quem chegar por último e a mulher do padre” como essas mulheres, eram vistas e entendidas naquela época.

Consideradas como mulheres que viviam pecado público, as barregãs dependiam de religiosos, muitas vezes morando em suas casas, e destes dependiam materialmente para vestir-se e se alimentar (Ordenações Afonsinas, artigo 5.61).

A autora diz que de uma forma geral, a mulher medieval não tinham direito a voz e quando falava estava comumente ligada a um discurso maldoso e maligno.

As ordenações Afonsinas não definiam a alcovitagem como uma pratica exclusivamente feminina (livro v, titulo xvi, artigo 1 52) ela, sobretudo associada às mulheres, (ROSSIAUD, 1991, p.39), para eles, alcovitar era um ato contra a vontade de Deus e contra a comunidade, esta causadora de males mortes e homizios pelo qual mulheres inocentes e honestas eram enganadas por essas pessoas e seguiam o caminho do pecado”. (Livro V, artigo 1:52). Essas ordenações determinavam pena de morte como punição pelo crime de alcovitagem.

Pode-se concluir esse tópico mostrando que a mulher deveria ter cuidado com sua arguições visto que as comprometiam enquanto seres sociais pondo em risco suas vidas a ponto de serem até mortas pelo o uso indevido dos seus conhecimentos culturais e a correlação que se fazia no tocante a educação que elas deveriam vivenciar no lar e na sociedade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através de uma revisão bibliografica chegamos as seguintes conclusões a respeito deste artigo: Que as mulheres mesmo não podendo abarcar todas as possibilidades existentes naquela época, porém fizeram-se presentes em todas as esferas sociais e contribuíram de fato ainda que indiretamente como mediadores de relações de poder e prestígio.

Por meio dessa breve consideração, podemos afirmar que elas assumiram papéis que extrapolaram os antigos preconceitos ainda reservados ao Medievo, sejam estes exercidos na política na economia ou na religião. Foram também mães, escritoras, abadessas, monjas e até celibatarias, e em todos esses papéis sociais exercidos tornaram-se protagonistas, em diversos momentos da história.

Dentro do contexto arguido a partir da bibliografia pode-se afirmar que as mulheres não batalharam para ter um lugar próprio na sociedade, mas fizeram com que o subjulgamento que recaiam sobre elas pudessem ser reconstruído, isto em suas diversas representações sociais, as quais não somente configuravam as funções por elas exercidas, mas vieram

comprovar que o gênero feminino é tão capaz quanto os homens, independentemente do aspecto que elas viessem se envolver neste contexto social.

Ainda se pode frisar que apesar de todas as restrições que as mulheres enfrentaram no período medieval, elas não se deixaram vencer pela submissão aos pais e em seguida a seus maridos, mas fizeram com que se percebesse que existia o espaço sociocultural para ambos os gêneros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BÍBLIA Sagrada. Trad. Monges Mamedsons. 149. ed. São Paulo: Ave Maria, 2002.

BURKE, P. **O que é história cultural?** Trad. Sergio Goes de Paula 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2008.

CARVALHO, F. A. T.; SILVA, A. C. L. F. **A mulher na Idade Média:** a construção de um modelo de submissão. Disponível em: <<http://www.ifcs.ufrj.br/~frazao/mulher.html>>. Acesso em: 14 set. 2012.

DUBY, G. **Idade Média, idade dos homens. Do amor a outros ensaios.** Trad. De J. Batista Neto. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

DUBY, G.; PERROT, M. (Org.). **História das mulheres no Ocidente.** Tradução portuguesa. Porto: Afrontamento, 1990.

LEAL, L. S. M. As várias faces da mulher no medievo. Linguagem, educação e memória. ed. n. 3, dez. 2012. Disponível em: <www.uems.br/lem>. Acesso em: 10 abr. 2014.

LEGOFF, J. **Os intelectuais na Idade Média.** 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

LOBATO, A. et al. (2009). **Mulher criminosas:** analisando a relação entre a desestruturação familiar e criminalidade. Disponível em: <http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais_XVENABRAPSO/242.%20mulheres%20criminosas.pdf>. Acesso em: 24 maio 2014.

LOYN, H. R. (Org.) **Dicionário da Idade Média.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

MACEDO, J. R. **A mulher na Idade Média.** 2. ed. Rio de Janeiro: Contexto, 2002.

MURARO, R. M. **A mulher no terceiro milênio:** uma história da mulher através dos tempos e suas perspectivas para o futuro. 5. ed. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997.

NASCIMENTO, M. F. D. **Ser mulher na Idade Média**. Disponível em: <<http://periodicos.bce.unb.br/index.php/textos/article/viewFile/5807/4813>>. Acesso em: 10 maio 2013.

PEDRO, C. B.; GUEDES, O. S. As conquistas do movimento feminista como expressão do protagonismo social das mulheres. **Anais do I Simpósio sobre Estudos de Gênero e Políticas Públicas**. Universidade Estadual de Londrina, 24 e 25 de junho de 2010. ISSN 2177-8248

RÉGNIER-BOHLER, D. Vozes literárias, vozes míticas. In: KLAPISCH-ZUBER, C. (Dir.). **História das mulheres no Ocidente: a Idade Média**. Trad. De Ana Lusa Ramalho et al. Porto: Afrontamento, 1990, v. II. P.517-591.

ROSSAIUD, J. **A prostituição na Idade Média**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

SILVA, G. C. C. et al. A mulher e sua posição na sociedade – da antiguidade aos dias atuais. **Rev. SBPH** v.8 n.2 Rio de Janeiro dez. 2005. ISSN 1516-0858

SILVA, E. O. “Quem chegar por último é mulher do padre”: as Cartas de Perdão de concubinas de padres na Baixa Idade Média portuguesa. **Cadernos pagu**. v.37, jul.-dez., 2011. p. 357-386.

SODRÉ, P. R. **Entre a guarda e o viço**: a madre nas cantigas de amigo galego-portuguesas, 2004, p.97-128.

SOUSA, I. A mulher na Idade Média: a metamorfose de um status. **Revista da FARN**, Natal, v.3, n.1/2, p. 159-173, jul. 2003/jun. 2004.

SULLÉROT, É. **História e sociologia da mulher no trabalho**. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1970.

TOSI, L. Mulher e ciência: a Revolução Científica a caça as bruxas e a Ciência Moderna. **Cadernos pagu**. v.10, 1998. p. 369-397

TROCH, L. (2009). **Mística feminina na Idade Média**: historiografia feminista e descolonização das paisagens medievais. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/graphos/article/viewFile/16324/9352>>. Acesso em: 24 maio 2014.